

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

MARIANA REIS PINTO LEÃO

**CAMINHAR PELO CABANAS:**  
**Uma cartografia sobre o cotidiano do bairro**

Produto Jornalístico

Mariana  
2018

MARIANA REIS PINTO LEÃO

**CAMINHAR PELO CABANAS:  
Uma cartografia sobre o cotidiano do bairro**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, na disciplina Projetos Experimentais I, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pinto Valle

Mariana

2018

L576c Leão, Mariana Reis Pinto Leão .  
Caminhar pelo Cabanas [manuscrito]: uma cartografia sobre o cotidiano do  
bairro / Mariana Reis Pinto Leão Leão. - 2019.

36f.:

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pinto Valle.

Monografia (Graduação), Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de  
Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e  
Serviço Social.

1. Santa Rita de Cássia (Mariana, MG) - Teses. 2. Turismo - Aspectos  
sociológicos. 3. Cartografia - Teses. 4. Comunidade - Mariana (MG) - Teses. I.  
Valle, Flávio Pinto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 070.4

Catálogo: [ficha.sisbin@ufop.edu.br](mailto:ficha.sisbin@ufop.edu.br)

Mariana Reis Pinto Leão

Curso de Jornalismo – UFOP

CAMINHAR PELO CABANAS:

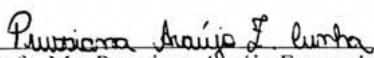
Uma cartografia sobre o cotidiano do bairro

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Pinto Valle

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Flávio Pinto Valle

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Me. Prussiana Araújo Fernandes Cunha

Mariana, 19 de dezembro de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, ao bairro Cabanas e aos seus moradores por terem me acolhido e por serem protagonistas deste trabalho.

Ao meu orientador, Flávio Pinto Valle, por ter abraçado o projeto desde o início e embarcado nessa empreitada junto a mim.

Aos meus pais, pelo apoio, incentivo e amparo nos momentos difíceis, e por me fazerem enxergar que nossos sonhos são possíveis.

À Silmara Filgueiras pela parceria que foi imprescindível na produção do site.

Aos amigos, pelos afetos partilhados durante essa caminhada. Em especial à Evelin Ramos, Iany Maia, Giovana Faversoni, Francielle Fernandes, Júlia Reis, Artur Caldas, Uriel Marques e ao bonde do Victória.

Ao projeto NBN, no qual minha participação foi primordial para a idealização deste trabalho.

Ao ICESA, professores, técnicos e servidores por contribuírem para a minha formação profissional.

Ao Lula, por possibilitar que uma mulher negra e pobre ingressasse numa universidade pública e de qualidade.

A todos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado durante a graduação, o meu eterno agradecimento. Essa conquista é nossa!

## RESUMO

Caminhar pelo Cabanas: uma cartografia sobre o cotidiano do bairro é um projeto experimental realizado entre os anos de 2017 e 2018. Tendo como referência a prática jornalística que busca dar visibilidade para as histórias que não estão na grande mídia. A Cartografia, que é a habitação de um corpo em um território e acompanhamento desse processo, foi a metodologia utilizada para a execução deste trabalho. Fui guiada pelas minhas percepções sensoriais e estive aberta a novas descobertas acerca dos acontecimentos a minha volta. Foram necessárias oito caminhadas pelo bairro: as quatro primeiras foram realizadas sem roteiros pré-definidos; as últimas aconteceram baseadas nas apurações anteriores e serviram para o refinamento do projeto. Os registros se deram a partir dos elementos que me afetaram: o vai e vem das pessoas, a arquitetura, sons ambientes, cores, cheiro etc. Todo o conteúdo presente no site foi captado via dispositivo móvel (vídeos e fotografias) e gravador (áudios das entrevistas e do cotidiano do bairro) e resultou em uma reportagem multimídia. É importante destacar que as narrativas aqui presentes são uma representação das minhas vivências no Cabanas. As caminhadas me permitiram a entrega ao acaso e ao imprevisível, e o relato dos moradores foi o principal critério utilizado durante a seleção/edição dos materiais captados.

**Palavras-chave:** Cabanas; Caminhadas; Cartografia; Moradores.

## ABSTRACT

Walking through Cabanas: a cartography about the neighborhood's day by day is an experimental project carried out between 2017 and 2018. Based on the journalistic practice that intends to give the stories left aside by the big media some visibility, the cartography, which is the housing of a body in a territory and the monitoring of this process, was the methodology used for this term paper. I was guided by my sensory perceptions and open to new discoveries about what was happening around me. It took eight walks around the neighborhood: the firsts four occurred without pre-defined routes; the other four was guided by the previous observations was helpful in improving the project. The records happened from the elements that affected me: people's comes and goes, the architecture, ambient sounds, colors, smells etc. All the content in the website was captured via mobile device (videos and photographs) and recorder (interview's audios and everyday neighborhood's sounds) and resulted in a multimedia reporting. It is important to highlight that the present narratives are just a representation of my experiences in Cabanas. The walks allowed me to surrender to the haphazard and unpredictable, and the dwellers' reports was the main criterions for the selection/edition of the collected materials.

**Keywords:** Cabanas; Walks; Cartography; Dwellers.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. O BAIRRO.....	7
3. METODOLOGIA.....	8
4. DISPOSITIVOS MÓVEIS.....	11
5. REPORTAGEM MULTIMÍDIA.....	13
6. DESIGN DE WEB.....	15
7. JORNALISMO PRATICADO POR MULHERES.....	16
8. RELATOS DAS CAMINHADAS.....	17
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

## 1. INTRODUÇÃO

A idealização deste projeto surgiu das minhas vivências no bairro Cabanas enquanto voluntária do projeto de extensão “Nos Bastidores da Notícia: Mídia e Democracia” (NBN). Segundo os autores do artigo *Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade*, os projetos de extensão possibilitam a troca de conhecimento e experiências entre instituição e sociedade:

Os programas de extensão universitária mostram a importância de sua existência na relação estabelecida entre instituição e sociedade. Acontece por meio da aproximação e troca de conhecimentos e experiências entre professores, alunos e população, pela possibilidade de desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem, a partir de práticas cotidianas, juntamente com o ensino e pesquisa e, especialmente, pelo fato de propiciar o confronto da teoria com o mundo real de necessidade e desejos. Define e possibilita a apreensão dos conteúdos absorvidos entre professor e aluno e beneficia-se com isso a partir do momento em que há o contato com o mundo real. (RODRIGUES, et al. 2013).

Considerando a importância das ações extensionistas enquanto atuantes nos processos de ensino-aprendizagem entre universidade e comunidade, o NBN surgiu em 2012, no âmbito da disciplina Crítica da Mídia, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, com o propósito de divulgar o direito à comunicação. As ações extensionistas, em parceria com o MICA - Mídia, Identidade, Cultura e Arte, se deram através de vivências, dinâmicas e oficinas com os estudantes de faixa etária entre 15 e 19 anos, da Escola Estadual de Ensino Médio Cabanas. Essa experiência foi importante para o projeto “Caminhar pelo Cabanas: uma cartografia sobre o cotidiano do bairro”, pois através dela despertou-se o olhar para o lugar que é objeto de estudo deste trabalho.

Além de contribuir para a perpetuação da memória do Cabanas, o trabalho também é importante pelo fato de que o bairro em questão é periférico, carregando um grande estigma de que regiões periféricas são marginalizadas e violentas. Isso acontece porque sabemos que, dentre outros, a grande mídia é responsável pela perpetuação da ideia de que a periferia tem, necessariamente, um tom negativo e, por exercer grande influência na construção da ideologia do seu público, esse estigma midiático se perpetua na sociedade. Segundo Irenilda Lima, Rita Domingues e Rafael Dantas, “A construção desse estereótipo de que as periferias são lugares exclusivamente de violência e pobreza pela grande mídia – que, de forma geral, ignora a produção cultural e os valores humanos e ambientais desses espaços – tem um forte impacto



sobre a identidade construída por essas comunidades [...]” (DANTAS; DOMINGUES; LIMA, 2017, p. 2-3).

Com o Cabanas não é diferente: através das conversas com os moradores, pude perceber que o bairro é visto por algumas pessoas como um lugar empobrecido, termo que, segundo José Carlos de Freitas, se refere aos “[...] cidadãos [que] são propositadamente mantidos em sua pobreza, ou melhor, seu processo econômico vital é controlado. E o empobrecido, longe de ser um sujeito meramente passivo, é um ser violentado” (FREITAS, 2005, p. 7). Em consonância com Dantas, Domingues e Lima, este projeto, ao contrário do exercido pela grande mídia, atua no resgate cultural, ambiental e humano do bairro.

Tendo em vista que os espaços são territórios passíveis de serem marcados pelos corpos que o habitam e com o intuito de conhecer e retratar a cidade onde nasci para além do centro histórico, decidi fazer caminhadas pelo Cabanas utilizando a Cartografia como metodologia. Para Alvarez e Passos, as orientações cartográficas são “[...] o compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e codeterminam.” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 131). Ou seja, durante minhas idas a campo procurei observar o cotidiano do Cabanas através das minhas percepções sensoriais.

É válido ressaltar que afetos pessoais foram despertados durante as caminhadas, pois no decorrer delas encontrei com familiares que, atualmente, moram no bairro e nas vezes em que subi a rua Diamantina passei em frente à escola em que cursei o Ensino Fundamental e à casa onde, em 2015, residi por seis meses. O Cabanas, portanto, é protagonista tanto do meu trabalho quanto de um fragmento da minha história.

À medida que caminhava, fazia registros, por meio de imagens, áudios e vídeos, dos sujeitos e dos acontecimentos que despertaram minha atenção: o transitar dos moradores, o vai e vem dos automóveis, o cheiro, as cores das casas e construções, os sons ambientes etc. Também fui em busca de moradores dispostos a contar sobre as histórias vividas no bairro. Todo o material captado resultou em uma reportagem multimídia que pode ser acessada pelo endereço <<https://caminhadascabanas.wixsite.com/caminharcabanas>>.

## 2. O BAIRRO

Com o desenvolvimento da cidade de Mariana e, devido ao crescimento da demanda por moradias, surge o bairro Cabanas, impulsionado, sobretudo, por doações do ex-prefeito, João Ramos Filho. Na época, cerca de 30 anos atrás, as ruas não possuíam as estruturas mínimas que garantem o bem-estar do cidadão, como saneamento básico. Cada lote doado possuía, aproximadamente, 200 metros quadrados. À medida que iam construindo, os moradores “puxavam” uma luz, uma rede de esgoto. Além dos baldes carregados nas costas, as mangueiras que coloriam de azul as ruas do bairro eram o recurso utilizado para captação de água. Em conversa com o consultor jurídico *pro bono* do bairro, Geraldo Vieira, descobri que, no início, as ruas eram “pura lama”. “[Lembro-me] dos ônibus serem puxados por tratores. Era lama mesmo, sabe?! Em época de chuva era quase impossível subir a Rua Diamantina”, contou-me.

O Cabanas faz parte da Cidade Alta, complexo composto por mais quatro bairros: Cartucha, Santa Clara, Santa Rita de Cássia e Vale Verde. Sua expansão se deu por meio de pessoas que migraram para lá com o intuito de construir a casa própria. O nome do bairro faz referência às “cabaninhas”, antiga pousada instalada no terreno até a década de 80. Para Geraldo, o desenvolvimento do bairro se deu em períodos: “Começou com o período da construção de barracos, [quando] a pessoa queria um lugar para morar de imediato com a família. Depois, os barracos foram demolidos ou se transformaram em primeiro pavimento. Aí veio o terraço. E hoje, estamos na fase da fachada da casa. As pessoas conseguem ficar livres do aluguel e têm uma reserva sobrando para cuidar do conforto, digamos assim. Nessa última fase, que costumo chamar de fase comercial, os moradores estão indo para o segundo pavimento e alugando o primeiro. Fato é que a Diamantina [rua principal] é praticamente só comércio. E as adjacentes também estão começando essa fase comercial”.

Atualmente, ainda que tenha sido implementado saneamento básico, o Cabanas sofre com a falta de políticas públicas, como escassez de água e falta de transporte coletivo. Entretanto, os mais de 10 mil moradores garantem o crescimento econômico do bairro, por meio da diversidade de estabelecimentos comerciais e do aluguel de imóveis, tornando-se uma grande potência de contribuição para o município.

### 3. METODOLOGIA

Como ponto de partida para execução deste projeto, entrevistei alguns moradores com a intenção de obter informações históricas e geográficas do bairro, a fim de conhecer melhor o local onde realizaria o trabalho. Para o entendimento acerca da história do Cabanas, os entrevistados foram o atual presidente da Associação de Moradores, Adriano Anjos, o ex-assessor do Centro Comunitário, Raimundo Silvestre e o consultor jurídico *pro bono* do bairro, Geraldo Vieira. As entrevistas duraram cerca de uma hora cada e procurei dar ênfase nos assuntos referentes ao meu trabalho.

Tendo conhecido a história do surgimento do bairro, pretendi, então, explorar o Cabanas através das caminhadas e das histórias dos moradores. Essa ideia surgiu a partir da minha ida a campo para entrevistar Raimundo Silvestre, conhecido por todos como Silvestre. Durante nossa conversa, ele contou-me que mora no Cabanas desde seus primórdios e sobre sua relação com o bairro. Ao ouvi-lo, decidi que, naquele dia, não iria embora de transporte público, como fazia todas as vezes depois de terminadas as atividades do NBN, mas andaria a pé pela principal rua do bairro, até chegar no primeiro ponto de ônibus que não fizesse mais parte do Cabanas. Desci quase dois quilômetros de morro a pé. Poucos metros abaixo da Escola Estadual de Ensino Médio Cabanas, ponto de referência do bairro, vi uma mulher grávida que aparentava ter 20 e poucos anos subindo o morro. À sua volta, a companhia de seis crianças e uma adolescente, que também estava grávida, parecia tornar menos árduo aquele trajeto íngreme. Olhando para aquela cena que representava uma parte do cotidiano do bairro, pude decidir qual seria a metodologia do meu trabalho.

Optei por fazer uma pesquisa cartográfica, que consiste na habitação de um corpo em um território e o acompanhamento desse processo. Para Alvarez e Passos, “[...] o território é entendido a partir de um conjunto de procedimentos que podem ser descritos e explicados” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 132). Os autores criticam a falta de envolvimento do pesquisador com seu objeto de pesquisa:

Caberia ao observador separar, na explicação, o agente e o ambiente, para depois, numa atitude abstrata, reconstituir as ligações, através das relações, ideais de causa e efeito. Tal atitude metodológica não permite ao pesquisador habitar o campo pesquisado, mas ao contrário, visa analisar e sintetizar, de fora, o campo estudado. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 133).

Sendo assim, posso considerar-me como uma “aprendiz-cartógrafa” (ALVAREZ; PASSOS, 2015) que traçou percursos por meio das caminhadas, criando uma narrativa sobre a história do Cabanas e seu cotidiano. É importante ressaltar que para a realização deste trabalho

foram necessárias oito caminhadas, mas somente as quatro primeiras aconteceram sem roteiros pré-definidos. As restantes foram realizadas com objetivo de complementar as informações apuradas anteriormente, sendo, então, planejadas.

Gilles A. Tiberghien, ao falar sobre a obra *Walkscapes - O caminhar como prática estética*, de Francesco Careri (2013), conduz-nos a uma leitura sobre como as caminhadas vêm sendo utilizadas por poetas, filósofos e artistas enquanto metodologia que nos possibilita enxergar aquilo que não é visível corriqueiramente. Para que isso ocorra, o autor aponta que é necessário privilegiar o caminhar em vez do caminho, ou seja, praticar o espaço.

Eis por que a abordagem artística é tão importante para compreender o nosso modo de perceber o mundo através dos caminhos que o perpassam, na medida em que enfatizam a dimensão da experiência sensível e afetiva do caminhar. (TIBERGHIEIN, 2013, p. 20).

Dessa forma, podemos dizer que, durante minhas idas a campo, a arte e o jornalismo trabalharam de forma imbricada, pois as caminhadas foram imprescindíveis para que eu pudesse fazer os registros e apurar as informações sobre o bairro. Para Careri (1996) as caminhadas permitem ao cartógrafo “[...] perder-se conscientemente, procurando dosar o desejo e o acaso, o racional e o irracional, o projeto e o antiprojeto” (CARERI, 1996, p. 31). Ou seja, cabe ao cartógrafo ter a disposição de praticar a errância, entregando-se ao acaso e ao imprevisível e compreendendo que o ato de caminhar é uma forma de ver e criar paisagens; uma ação empírica de ocupação do corpo em determinado lugar. O autor ainda sugere que as práticas caminhanças sejam realizadas em zonas “[...] visíveis ou invisíveis, nas margens da cidade tradicional, espaços que não aparecem nos guias turísticos, espaços urbanos indeterminados, marginais, periféricos, territórios em plena transformação” (CARERI, 2013, p. 8). A escolha pelo lugar onde realizei meu projeto está, então, em consonância com a fala de Careri, uma vez que o Cabanas está localizado fora do eixo histórico de Mariana.

A leitura do livro *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*, de Georges Perec (2016) foi referência imprescindível para a escrita dos relatos das caminhadas. Em seu prefácio, Ricardo Luis Silva define o autor como um contemplador e narrador da cidade, por fazer descrições detalhadas dos acontecimentos à sua volta:

Ele vai anotando, em distintos momentos do dia, tudo o que estava ao alcance do seu olhar: os acontecimentos cotidianos da rua, a circulação de veículos, pessoas, animais, nuvens, a passagem do tempo. Seu caderno vira uma lista de todos aqueles fatos mais insignificantes da vida cotidiana. No domingo, após quase sessenta páginas de notas e registros, Perec tem uma coleção de

imagens, instantes, gestos. Nas suas mãos, um texto composto por fotografias escritas, um catálogo de ações, momentos de mais ou menos luz, pessoas caminhando e carregando coisas, carros estacionando ou partindo, turistas, ônibus de turistas, voos de pombas, objetos e jeitos. (SILVA, 2016, p. 8)

A obra nos convida a estabelecer uma relação sensível entre o nosso corpo e o espaço em que habitamos por meio de uma percepção minuciosa que só é possível quando nos permitimos ser afetados pelo cotidiano da cidade. Em meu trabalho, essas afetividades foram despertadas durante as idas a campo. Nas caminhadas, procurei relatar tudo aquilo que chamava minha atenção, seja pelo som, cheiro ou lembranças da infância.

As derivas nos permitem uma habitação alternativa nos espaços da cidade. Segundo Careri (2013), para que essas práticas caminhantes aconteçam é necessário a criação de algumas regras que visam “[...] estabelecer antecipadamente, com base em cartografias psicogeográficas, as direções de penetração da unidade ambiental a ser analisada” (CARERI, 2013, p. 89). Ao contrário dos roteiros, que pré-determinam o processo de apuração de informações, as regras atuam apenas como guias durante os percursos traçados nas caminhadas.

Dias antes da minha primeira caminhada, formulei as regras – cronograma; registros das percepções, do horário e dos lugares percorridos no bairro; onde iniciar as derivas: subir a rua principal e adentrar as adjacentes, etc. – que iriam me guiar durante as idas a campo, uma vez que a intenção do trabalho seria retratar o cotidiano do Cabanas por meio das minhas percepções e das histórias das pessoas que vivem no bairro, contadas por elas mesmas. Como a metodologia permitiu que eu me entregasse ao acaso e ao imprevisível, as derivas não aconteceram de forma linear. Por exemplo, defini como regra subir a rua Diamantina em linha reta até o final, mas, à medida que algo chamava minha atenção, o percurso ia mudando: uma caminhada para fotografar as casas e construções acabou em uma visita à casa de Dona Maria e Simério para conhecer seus quintais, por exemplo, o que me levou a fazer registros não apenas fotográficos, mas também audiovisuais dessas experiências.

Foram necessárias oito caminhadas pelo bairro: as quatro primeiras foram realizadas sem roteiros pré-definidos; as outras quatro aconteceram baseadas nas apurações anteriores e serviram para o refinamento do projeto. Ao todo, captei, via dispositivo móvel e gravador, mais de 600 materiais, incluindo fotos, vídeos e áudios (imagens e sons repetidos ou com qualidade baixa e vídeos fragmentados).

O produto está disponível via anexo, juntamente com os relatos das caminhadas.

#### 4. DISPOSITIVOS MÓVEIS

Com a chegada da modernidade, o jornalismo se viu diante de uma ruptura com o tradicionalismo das grandes redações. A inovação tecnológica e a diversidade das plataformas digitais influenciaram no modo de produção e difusão dos conteúdos jornalísticos. Para Lima Junior (2017), o barateamento das tecnologias digitais e o aumento da capacidade de processamento de dados por máquinas computacionais fixos e portáteis – *notebooks*, celulares, *tablets* etc. –, têm facilitado o acesso à comunicação. Essa transformação marca os “[...] processos de produção, criação e consumo da informação jornalística no contexto da convergência cultural e midiática.” (BARBOSA; SEIXAS, 2013, p. 53).

Dessa forma, podemos dizer que a internet permite a ligação entre pessoas em todo o mundo e o compartilhamento de dados passa a ser possível “[...] por qualquer ator que tenha uma máquina computacional e conexão com a rede.” (LIMA JUNIOR, 2017, p. 221). Porém, apesar do acesso à comunicação ter passado por esse processo de democratização, existe uma grande dificuldade para que informações locais sejam compartilhadas e debatidas de forma sinérgica. Uma das soluções apresentadas pelo autor seria a utilização das tecnologias móveis na produção de conteúdos comunitários.

A informação local desempenha um papel importante na vida das pessoas. Ela fornece notícias, fatos e dados sobre o que está acontecendo ao seu redor. Quando cidadãos podem obter informações locais relevantes socialmente e de uma forma estruturada, se permite uma melhor tomada de decisão e a criação da sensação de pertencimento, trazendo as comunidades em conjunto para decisões mais acertadas. Esta proposta também está se movendo para o espaço móvel através de sistemas operacionais como Android e iPhone. (LIMA JUNIOR, 2017, p. 225).

Nesse sentido, o presente projeto se encaixa na categoria “móvel hiperlocal” (LIMA JUNIOR, 2017), uma vez que foi realizado em um bairro periférico da cidade de Mariana e grande parte do seu conteúdo (fotografias e vídeos) foi captada pelo celular, sendo disponibilizada via *web*, o que proporciona a visibilidade de histórias que não estão na grande mídia de uma forma inovadora.

Segundo Suzana Barbosa e Lia Seixas (2013), a extensiva utilização dos dispositivos móveis, seja por organizações jornalísticas ou pelo público, que a cada dia consome mais informação e constrói suas relações sociais por meio deles, dá-se pelas múltiplas funções que os aparelhos oferecem, como praticidade quanto ao seu uso nas produções e distribuição de

conteúdo. Durante as idas a campo, o uso do celular facilitou minha locomoção e otimizou meu tempo devido ao seu tamanho e peso; além disso, permitiu que eu fizesse registros através de fotos e vídeos, anotações das minhas percepções no bloco de notas e possibilitou gravar as ruas que percorri no Cabanas por meio da ferramenta de geolocalização disponível na descrição das imagens, facilitando a construção do mapa que está na página inicial do site. É importante destacar que os conteúdos produzidos podem ser acessados nas versões para computador/*notebook* e celular.

## 5. REPORTAGEM MULTIMÍDIA

Até o início do século XIX, os meios de comunicação utilizavam apenas a linguagem verbal (monomídia) para produzir conteúdo informativo. Ao longo dos anos, passaram a incorporar outros recursos, como desenhos e fotografias (bimídia). Em 1930, com o surgimento da televisão, tornou-se possível a diversidade de ferramentas comunicativas. Sendo assim, no âmbito jornalístico, o termo “multimídia” refere-se à combinação de linguagens verbal, sonora e visual na transmissão de informações (SALAVERRÍA, 2014).

O advento da *internet*, de acordo com Ramón Salaverría (2014), possibilitou a combinação simultânea de múltiplos formatos comunicativos. O autor elenca oito elementos que constituem os conteúdos multimídia, dos quais destacarei apenas cinco por terem sido utilizados na produção do *site* deste trabalho.

- Verbal escrito: recurso que é essencial para dar sentido na narrativa multimídia; contextualiza o receptor sobre o assunto abordado.
- Fotografia: nas publicações via *internet* as imagens podem ser divulgadas por inúmeros formatos, números ou tamanhos.
- Visual gráfico: as páginas de *web* solicitam a participação de elementos icônicos, como as ilustrações, permitindo, assim, uma navegação ativa.
- Audiovisual: as plataformas digitais utilizam esse recurso para dinamizar as páginas, possibilitando uma navegação interativa.
- Verbal falado: é um elemento multimídia que agrega valor aos conteúdos publicados na *web*; pode ser utilizado em conjunto com o vídeo ou de forma isolada.

Depois de finalizadas as quatro primeiras caminhadas, decidi produzir um *site* para dispor os materiais captados: fotos, vídeos, textos e áudios, resultando em uma reportagem multimídia. O *design* foi feito em parceria com a jornalista Silmara Filgueiras e o processo de edição dos vídeos contou com a colaboração do estudante de jornalismo Uriel Marques.

O conteúdo do *site* está dividido em seis temas principais, os quais foram definidos após minha segunda caminhada:

- O bairro: vídeo contendo relatos dos primeiros moradores sobre o surgimento do



### Cabanas.

- Casas e construções: fotografias que representam a fala do morador Geraldo Vieira em relação aos períodos pelos quais o bairro passou: a construção dos “barracos”, o primeiro e segundo pavimento, a fachada das casas etc.
- Comércio: fotografias dos estabelecimentos e áudios das entrevistas com os comerciantes.
- Cotidianidades: fotografias e áudio com os sons cotidianos do bairro (dos automóveis, das crianças saindo da escola, do grupo de amigos jogando bola etc).
- Moradores: história das “cabaninhas” pela perspectiva de dois moradores, contendo fotos e texto.
- Quintais: fotografias e áudios que detalham as áreas externas de Simério e Dona Maria.

## 6. DESIGN DE WEB

- A página inicial contém um mapa que ilustra os percursos realizados no bairro. As cores localizam os temas citados acima; a seção “Projeto” possui um texto explicativo sobre o trabalho e minha biografia; há também um vídeo com filmagens + narração da minha primeira caminhada.
- Na seção “Cotidianidades”, fotografias e áudio interagem, uma vez que o receptor visualiza as imagens e escuta os sons do cotidiano do bairro simultaneamente.
- As imagens possuem cores vivas como azul, amarelo e verde. Por isso, optei pela predominância da cor branca no *background*, para manter a harmonia visual do *site*.
- Alguns áudios possuem ruídos. Durante as gravações, o barulho dos automóveis e das máquinas não cessou. Porém, quando esses sons ambientes são escutados, eles podem transportar o ouvinte para o cotidiano do bairro, como na seção “Cotidianidades”, onde há uma sonora com sons ambientes do Cabanas.
- Para a narrativa não ficar cansativa, escrevi textos breves que são complementados por fotos, áudios e vídeos.
- Durante o tratamento das fotografias, procurei realçar os tons utilizando ferramentas como o contraste e a saturação.
- O mapa é a vetorização da versão original do *Google Maps* e apenas uma representação do meu percurso pelas ruas do Cabanas.
- Os vídeos presentes nas sessões “O bairro” e “Projeto” foram recursos utilizados para dinamizar a narrativa do *site*. Desse modo, o receptor tem acesso ao formato textual e audiovisual das informações.

## 7. JORNALISMO PRATICADO POR MULHERES

Como mencionado anteriormente, a modernidade transformou o modo de se fazer jornalismo. Para Ana Carolina Temer e Marli dos Santos, “as mudanças sociais e estruturais culminaram a presença, em grande número, da mulher no mercado de trabalho e, em particular, nas redações jornalísticas” (SANTOS; TEMER, 2016, p. 37).

Segundo dados do relatório “Perfil do jornalista brasileiro – Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012”, a presença da mulher no campo jornalístico é maior que a dos homens, representando 64% dos profissionais que atuam na área. Sendo assim, subjetividades vieram à tona, principalmente no campo profissional, pois, o corpo feminino, por ser construído em uma sociedade patriarcal e misógina, é obrigado a enfrentar tensões como o abuso de poder, violência psicológica, disparidade salarial e assédio.

Durante minhas idas a campo fui obrigada a limitar meu trabalho. Na minha terceira caminhada, em busca de comerciantes dispostos a conversarem comigo deixei de entrar em alguns estabelecimentos pelo medo de ser assediada; na volta para casa, um sujeito em seu automóvel me olhou de forma hostil. Por conta disso, para as caminhadas seguintes passei a policiar-me em relação à vestimenta.

## 8. RELATOS DAS CAMINHADAS

### REGRAS:

1. Iniciar pelo primeiro ponto de ônibus, no Posto Raul, e subir a rua principal, adentrando as adjacentes.
2. Iniciar pela última rua do bairro e ir descendo até o ponto de ônibus do Posto Raul.
3. Registrar os locais onde irei fazer os percursos. Ex: Rua Ouro Preto; ponto de referência.
4. Registrar minhas percepções dos lugares: sons, cheiros, arquitetura, movimento dos carros, cores, etc.
5. Registrar os trajetos percorridos: “subi tal rua”, “depois virei à esquerda”, “desci novamente”.
6. Registrar as horas e as sensações: “estou sentindo/acabei de ver ou conversar”.

### CRONOGRAMA:

<b>1ª caminhada</b> 11/04/2018 9h às 13h (4h)	<b>2ª caminhada</b> 01/05/2018 13h às 17h30 (4h30)
<b>3ª caminhada</b> 09/05/2018 9h30 às 12h30 (3h)	<b>4ª caminhada</b> 11/05/2018 11h30 às 15h30 (4h)
<b>5ª caminhada</b> 31/010/2018 9h30 às 12h (2h30)	<b>6ª caminhada</b> 01/11/2018 10h às 12h (2h)
<b>7ª caminhada</b> 21/11/2018 09h30 às 11h30 (2h)	<b>8ª caminhada</b> 04/12/2018 10h30 às 12:30 (2h)

**11/04/2018 - Perder-se para achar**

- Materiais utilizados: caderno e celular.
- Registros por escrito, fotos, vídeos e sonoras.
- Vestimenta: camiseta, short e tênis.
- Minha primeira caminhada aconteceu na manhã de quarta-feira, mais precisamente das 9h às 13h30 da tarde, ou seja, entre pegar o ônibus, andar pelo bairro, conversar com os moradores, adentrar suas casas e fazer meus registros (fotos, vídeos, sonoras e anotações), gastei cerca de quatro horas.
- Comecei a relatar minhas percepções desde a hora em que estava no ponto aguardando a chegada do ônibus.
- Utilizei o bloco de notas do celular e meu caderno para fazer os registros textuais;
- Inicialmente, tinha traçado como regra para essa primeira caminhada subir a Diamantina e seguir reto do início até o final da rua, mas logo que desci do ônibus, no Posto Raul, a metodologia seguiu outro rumo: roteiros intuitivos e abertos.
- Subindo a primeira parte do morro, em conversa com Alvino, morador do bairro vizinho, Chácara, obtive informações sobre as primeiras habitações do Cabanas.
- Descobri que os primeiros moradores do bairro vieram das roças vizinhas e que as “cabaninhas” que ainda existem pertencem à família Rodrigues, proprietária da Mina de Passagem.
- Passei em frente à casa onde morei no ano de 2015, por um período de seis meses, e à escola em que estudei no ensino fundamental; também encontrei com meu tio “Tim” que, provavelmente, estava indo trabalhar.
- Assim que me despedi de Alvino, sentei em um passeio para fazer anotações sobre nossa conversa.
- Continuei seguindo em linha reta e parei em um estabelecimento onde um cachorro dormindo na porta chamou minha atenção; tirei fotos e conversei com o dono da loja.
- Descobri que o terreno da casa de Simério já foi ocupado pela “Fazenda do Barão”.
- Descobri que do outro lado da rua, ficam as “cabaninhas” que deram início à história do bairro.
- Conheci as cabaninhas e alguns dos moradores que atualmente trabalham e vivem lá.

- Milton Sanfoneiro, sua esposa “Susi”, seu filho “Miltin” e seu amigo Joselino, mais conhecido no bairro como “Tiririca”; Tiririca ajuda Milton na criação dos cavalos.
- Fiquei lá por mais de uma hora conversando, observando e fazendo registros.
- Descobri que Milton realiza cavalgadas e o “Encontro de Sanfoneiros” no terreno de sua casa, que é uma roça situada na entrada do bairro.
- Na hora de ir embora, enquanto fazia fotos de duas crianças no ponto de ônibus, uma loja de artesanato chamou minha atenção. Pedi permissão à proprietária para tirar fotos da fachada e começamos a falar sobre meu trabalho. Uma mulher (Fabiana) ouviu nossa conversa e me contou que havia morado nas “cabaninhas”. Ela relatou que passou sua infância/adolescência lá, e me convidou para ir até sua casa para contar sua história.
- Entrei na casa de Fabiana. Sentamos à mesa de sua cozinha para conversarmos e, logo depois, ela me levou até seu escritório e me mostrou algumas fotos antigas da sua família.
- Por volta das 13h20 me despedi de Fabiana e fui para o ponto de ônibus. Lá me encontrei com Aline, uma das ex-integrantes do “NBN”. Nossa conversa fora interrompida pela chegada do ônibus. Entramos.
- De dez a quinze minutos depois, estava de volta ao centro histórico da cidade.
- Meu trabalho de campo se deu apenas no início do morro, onde o bairro começa.
- Fiz algumas perguntas que havia planejado e outras surgiram no momento das entrevistas.
- Percebi que, para as próximas caminhadas, irei precisar de um gravador para registrar tudo em áudio para, depois, transcrevê-los, pois não há tempo para ficar fazendo anotações enquanto caminho e converso com as pessoas.
- As fotos e vídeos dos lugares continuaram a ser registrados via celular.

## 01/05/2018 - Perder-se para achar

- Decidi fazer minha segunda caminhada no feriado do Dia do Trabalhador pelo seguinte motivo: o comércio é o ponto forte do bairro, sendo assim, pude vivenciar o contraste entre um dia comum, em que os estabelecimentos estão abertos e as ruas mais agitadas, e no feriado, dia em que as ruas são mais calmas. Há sutilezas como: tomar sol na porta de casa, ir na casa do vizinho, sair para tomar sorvete, caminhar, jogar bola, sentar na porta do bar, etc.
- Iniciei meu trabalho de campo às 13h e terminei 17h30.
- Equipamentos utilizados: gravador e celular.
- Vestimenta: camiseta, short e tênis.
- Ao descer do ônibus, fiz fotografias e vídeos da entrada do bairro: posto de gasolina, ponto de ônibus, subida do morro, oficina de automóveis, casa colonial ao lado esquerdo do morro.
- Decidi que, dessa vez, iria fazer registros das casas, do comércio e dos lugares que me lembravam estar na roça.
- Me atentei às cores das casas, dos estabelecimentos que, em sua maioria, estavam fechados, dos sons que vinham de dentro das casas e dos carros, das pessoas conversando umas com as outras; o barulho do vai e vem dos automóveis (vez ou outra eles dificultavam as captações das sonoras).
- Adentrei em três ruas: Rio Casca, Viçosa (esquerda) e Policlínica (direita)
- Durante a caminhada, fiz várias paradas para gravar minhas percepções, beber e comer, carregar a bateria do celular (na sorveteria). Percebi que durante as “pausas” continuava a fazer registros e a conversar com as pessoas. Foi assim que conheci Arnoldi e Dona Lúcia.
- Na sorveteria, tive uma breve conversa com a atendente. As pessoas que estavam lá ficaram prestando atenção na nossa conversa e, vez ou outra, participavam do diálogo.
- Descobri que é a única sorveteria da cidade que vende sorvete fabricado na cidade de Ponte Nova.
- Enquanto estava lá, carreguei meu celular, tomei sorvete (frutas vermelhas e milho), fiz fotos, deixei o gravador captando sons.
- Uma tática para conseguir ganhar tempo: em vez de fazer anotações no caderno, comecei a fazer gravações das minhas impressões por áudio.

- Algumas vezes as pessoas ficavam me observando, tentando entender porque eu ficava tirando fotos dos lugares.
- Quando eu estava no início do morro, um moço (que trabalha no posto de gasolina) chegou a me abordar para perguntar se estava fazendo um trabalho ou se era por *hobbie*; na rua Viçosa, uma mulher na sacada do terraço me perguntou, meio desconfiada, o porquê de estar tirando fotos das casas e, se eu era jornalista, porque eu não estava usando crachá.
- Saindo da rua Viçosa, encontrei tiririca conversando com dois homens na porta de um bar (esquina da rua da Policlínica).
- Fotografei e fiz vídeos dos garotos jogando bola no gramado, em frente à Policlínica do bairro.
- Parei para conversar com dois meninos que estavam lavando os pés atrás da Policlínica. Fiz fotos e vídeos deles.
- Há uma espécie de “passarela” acima da Policlínica, onde as pessoas costumam fazer caminhada ou apenas sentar para sentir o tempo passar (ou não).
- Um carro com autofalante chamando os moradores para participarem de um culto evangélico chamou minha atenção (captei o áudio); um grupo de pessoas indo ou voltando da igreja também chamou minha atenção (nessa hora, meu celular já estava com a bateria acabando, portanto, não consegui fazer um registro dessas pessoas caminhando).
- Percebi que, mesmo fazendo registros com os equipamentos, algumas coisas estarão guardadas apenas na minha memória, seja porque a bateria acabou ou porque não deu tempo de captar.
- Depois de algum tempo, cheguei à conclusão de que fazer registros de várias coisas ao mesmo tempo me deixava confusa e um pouco perdida. Então, tive uma ideia: começar a separar as caminhadas por temas:
  1. quintais/roças
  2. casas, construções
  3. moradores e suas histórias
  4. comércio(sempre anotando o nome da rua onde estiver)
- Impressões corporais: o dia estava ensolarado e, mesmo usando camiseta e short, logo no início, percebi que a temperatura do meu corpo aumentou e senti suor descendo pelas



minhas costas e braços. Com o tempo, minha boca foi ficando seca e os meus pés foram ficando quentes dentro do tênis. Por isso, fazia pausas para descansar.

- Com duas horas de caminhada, comecei a ficar cansada, mas a adrenalina para continuar era tão grande que até esqueci do cansaço; também não vi a hora passar. Eu só queria continuar caminhando e fazer registros das coisas que via. Na volta para casa, quando sentei no banco do ônibus e acalmei os ânimos, é que, de fato, pude perceber o quanto estava exausta. Minha boca e mãos estavam secas. Já não conseguia prestar atenção nas coisas à minha volta.

### 09/05/2018 – Comércio

- Equipamentos utilizados: celular, gravador e caderno.
- Vestimenta: calça, jaqueta e sapatilha.
- O dia estava nublado, fazendo frio.
- Caminhei em busca de comerciantes dispostos a conversarem comigo
- Perguntas feitas aos comerciantes: 1) nome, idade, cidade natal e endereço do estabelecimento; 2) há quanto tempo mora no cabanas; 3) como surgiu o estabelecimento/como conseguiu o emprego; 4) o imóvel é seu ou é alugado; 5) conte-me um pouco sobre a sua rotina de trabalho.
- Além das perguntas prévias, outros questionamentos surgiram de acordo com as histórias que ouvia.
- Deixei de entrar em alguns lugares, como oficina de carro e loja de roupa masculina, por medo de ser assediada.
- Enquanto descia o morro, um homem ficou me olhando e diminuiu a velocidade do carro para me acompanhar. Fiquei com medo. Parei de andar e peguei meu celular. Fingi que estava ligando para alguém: “Já tô aqui te esperando”.
- Ao contrário das outras duas vezes, neste dia decidi descer no terceiro ponto de ônibus da rua Diamantina, uma vez que grande parte do comércio se concentra ali.
- Barbearias, lojas de roupas masculinas, femininas e infantis, supermercados, lanchonetes, casa lotérica, salões de beleza, *lan house*, consultório odontológico, drogarias, lojas de eletrodomésticos, de imóveis, materiais de construções, etc.
- Duas mulheres ficaram acanhadas e não quiseram conversar comigo, mas a maioria foi receptiva, deixando que eu até fizesse retratos.

- Ao descer do ônibus, uma mulher vendendo verduras, na esquina da rua da Policlínica, chamou minha atenção, mas, como estava um pouco distante, deixei para conversar com ela quando estivesse descendo o morro.
- Entrei na lanchonete “Real” e conversei com Cristina. Descobri que o estabelecimento funciona há apenas dois meses. Gravei nossa conversa e fiz fotos.
- Fiz fotografias e vídeos dos estabelecimentos (interno e externo). Plano geral, médio e detalhe.
- Logo em seguida, entrei em uma barbearia e conversei com Marcos e Marlon, dois irmãos que, aos 20 e poucos anos, já possuem o próprio.
- Entrei em um supermercado e conversei com Jean, um dos funcionários. Lá dentro encontrei com Tiririca novamente.
- Depois, desci cerca de 50 metros, em direção à Júnia e as verduras na esquina da rua da Policlínica. Conversei com ela, fiz fotos e vídeos. Comprei uma alface por R\$ 2,00.
- Ao final, Júnia me desejou boa sorte e disse que meu projeto vai ajudar a divulgar o trabalho independente dela; lamentou sobre a crise econômica na cidade por conta do rompimento da barragem de Fundão.
- Tendo conversado com Júnia, subi o morro novamente. Eram 11h30, horário de almoço e término das aulas. Por isso, a rua estava cheia de crianças e adolescentes vestindo uniforme.
- A rua estava bastante movimentada. Em determinados lugares, senti o cheiro de comida. Alho refogado e frango frito. Lembrei-me de quando estava no ensino fundamental: chegava da aula e minha mãe estava na cozinha preparando o almoço.
- Do lado direito, avistei uma padaria que chamou minha atenção pelo seu tamanho. Há mesas para sentar e tomar café. Ao entrar, você sente o cheiro de pão francês que acabou de sair do forno e isso é muito agradável; prateleira de leite, vitrines de bolos, doces, um freezer para frios e laticínios; há também uma prateleira com os “famosos” chips “Gulão”, um tipo de salgadinho muito consumido pelos adolescentes nos anos 2000; há uma pequena sessão reservada para a venda de materiais de limpeza, biscoitos, macarrão e temperos.
- Por ter preferência por doces, os bolos e os pudins chamaram muito a minha atenção; o anúncio de “3 pães por 1 real” também.
- Tomei uma xícara de café acompanhada por uma rosca de fubá que me custaram apenas 1,60.

- Conversei com Marlene, mulher que fica no balcão e no caixa. Simpática, ela ouviu sobre meu trabalho, me contou sobre como conseguiu o emprego e me ajudou na hora de fazer as fotos da padaria; também fiz alguns vídeos e retratos dela.
- Para finalizar minhas três horas em campo, entrei em uma loja de roupas. “Dicas Modas”. Conversando com a proprietária, descobri que ela mora no bairro há 28 anos e, nessa época, o Cabanas não tinha “nada”. As casas eram abastecidas com mangueiras. “Dica”, como costuma ser chamada, também me contou que, antes de ter a sua própria loja, já trabalhou com doceira e fazia pé de moleque para o marido vender no emprego. Apesar de ter uma loja física, ela se considera como sacoleira, porque vende roupa de porta em porta. Além da loja, ela e o marido possuem quatro apartamentos alugados como fonte de renda. Seu marido é aposentado; possuem dois filhos, Douglas e Deivid.
- Fiz fotos, vídeos e retratos de Dica.
- Ao todo, conversei com sete pessoas e entrei em seis estabelecimentos.
- Como a maioria dos comércios se concentram na rua Diamantina, fiz minhas caminhadas subindo e descendo-a.

### **11/05/2018 - Casas e construções**

- Equipamentos utilizados: celular, gravador e caderno.
- Vestimenta: calça jeans, camiseta e sapatilha. (Por conta do assédio sofrido na caminhada anterior, passei a policiar-me em relação à vestimenta).
- Fiz mais de 400 registros; fotos, em sua maioria, vídeos e áudios.
- Na minha quarta caminhada decidi parar no ponto final do Cabanas e descer todo o morro a pé.
- O intuito era fotografar as casas e construções do bairro, mas também fiz registros dos quintais e entrevistei Simério e Dona Maria.
- Por volta das 11h30 entrei no ônibus.
- Enquanto ouvia música, o sol batia forte sob minha cabeça.
- Uma garota que aparentava ter 16 anos sentou-se ao meu lado.
- O ônibus estava cheio, mas não havia pessoas em pé.
- Subindo o morro, avistei o rapaz que trabalha no xerox da faculdade.
- Na porta da escola onde cursei o ensino fundamental (Escola de Ensino F.M Dom Viçoso) alguns pais esperavam os filhos serem liberados das aulas; vi homens de calça

jeans cinza, botina, camiseta verde e mochila (uniforme da Vale) no ponto de ônibus do Posto Raul: estavam indo trabalhar.

- Crianças descendo o morro, indo para uma escola no centro da cidade.
- Vai e vem dos carros.
- Vi Bolota (cachorro do Milton) na porta da loja de Simério.
- Duas mulheres com seus filhos no colo sentam à minha frente.
- Algumas crianças entraram no ônibus. Provavelmente moram na parte mais alta do bairro e estavam voltando da Monsenhor José Cota, escola que fica na parte baixa do bairro.
- Passei em frente uma casa com azulejos nas cores preta e cinza. Há uns meses, fiz fotos de quatro crianças nesse mesmo lugar. Foi neste dia que surgiu a ideia das caminhadas pelo Cabanas.
- Duas crianças dividiram o banco vago ao meu lado. O menino, que aparentava ter uns quatro, cinco anos, com a cabeça encapuzada pela touca acoplada em um moletom azul, olhava para a janela. Seu olhar era de cansaço.
- O ônibus fez o trajeto Cabanas via Santa Rita de Cássia. O percurso durou de 40 a 50 minutos.
- Poderia ter descido um ponto antes, na esquina, mas escolhi adentrar o Santa Rita de Cássia, bairro que faz divisa com o Cabanas para observá-lo.
- Acenei para Vinícius, um dos integrantes do NBN que estava virando a esquina.
- O ônibus entra e sai de várias ruas.
- No Santa Rita, há, também, salões de beleza, padarias, mercados, etc.
- Em contrapartida às construções que encontramos na rua principal do Cabanas, muitas casas ainda estão na primeira fase (puxadinho). No tijolo. Sem reboco. Algumas ainda em fase de construção.
- As ruas deixam de ter nomes de cidade e passam a ser referenciadas pelos distritos de Mariana. Ex: Rua Sumidouro.
- Muitas crianças na rua.
- Uma mulher com a mão apoiada no rosto e sentada na porta de sua casa chama a minha atenção.
- Idosos entram e saem do ônibus.
- Uma mulher sentada na porta de sua casa, com sua filha no colo e comendo mexerica, chama a minha atenção.

- Percebo que muitas pessoas têm o costume de sentar na porta de casa. Seja para tomar sol, fumar ou mexer no celular.
- Uma moça acena para alguém dentro do ônibus.
- O calor que sinto começa a ficar insuportável.
- Chego no ponto de ônibus.
- Desço do ônibus e cumprimento uma senhora que estava carregando um bebê.
- Nos trajetos anteriores, o ônibus seguiu reto e traçou algumas curvas. Dessa vez, ele fez um ziguezague entrando e saindo das ruas.
- Ao fotografar uma casa, um menino abre o portão e, com um olhar de desconfiança, volta para dentro. Poucos minutos depois, sua mãe aparece e me pergunta o porquê de estar tirando fotos da sua casa. Explico sobre meu trabalho e, num ato súbito, seu semblante muda e ela começa a me contar sobre sua relação com o bairro, sobretudo, sobre como era o Cabanas na época em que ela se mudou para lá. Depois de termos conversado, ela me indicou sua vizinha, Dona Maria, por morar no Cabanas há mais tempo, para que pudesse conversar com ela também.
- Entrei na casa de Dona Maria. É uma casa escura, que não entra muita luz e tem um quintal. Fiz registros da sua cozinha, do terreiro e da fachada de sua casa.
- Nessa hora, percebi que, mesmo indo com o intuito de fotografar as casas e construções, acabei entrevistando duas moradoras e fazendo registros de um quintal (pé de chuchu, bananeira, galinhas, codornas, maritaca, fogão à lenha, chão molhado)
- A casa de D. Maria não possui laje batida. Ao olhar pro teto, é possível enxergar as telhas de amianto.
- Em conversa com uma moradora descobri que, assim como no início das habitações no bairro, alguns moradores ainda abastecem suas caixas d'água por meio de mangueiras.
- Fui em busca desses moradores, mas sem êxito: em uma casa ninguém me atendeu, na outra, a mulher ficou com vergonha de conversar comigo e, na última, a moradora sentiu-se ameaçada: “se você colocar isso no jornal, a prefeitura vai descobrir e vai vir aqui encanar a água, e aí nós vamos ficar sem água, entende? Às vezes, uma coisa que você quer fazer por bem, pode acabar prejudicando a gente”.
- Enquanto estava em um beco estreito, com chão de terra e pedras, tive a sensação de estar em uma roça, pois não havia o barulho dos carros. Era possível ouvir, mas muito distante; ouvi o som dos galos cantando, das árvores balançando e do silêncio.
- Conheci Maria da Glória. Tímida, ela conversou comigo e disse que, em um outro dia, poderia me mostrar as fotografias antigas do bairro; também conversei com seu

namorado, mas ele pediu para que eu não gravasse nossa conversa. Respeitei sua decisão. Basicamente, conversamos sobre o abastecimento de água nas casas.

- Enquanto andava pelas ruas, cumprimentava os moradores. “Olá. “Bom dia”.
- Continuei fotografando as casas e construções.
- Optei por fazer fotos em planos mais abertos, médio e detalhe e, a maioria, na horizontal.
- Tive dificuldade em fotografar algumas casas que estavam no lado esquerdo da rua Diamantina, por causa do reflexo da luz do sol. Em algumas situações, eu ia pro meio da rua para achar um bom ângulo, mas o vai e vem dos carros me impossibilitava.
- Ao relatar minha ida a campo, percebi que, tanto as gravações das minhas percepções, quanto os áudios das entrevistas estão sendo essenciais para a escrita dos relatos.
- Por volta de 13h20 comecei a descer a última rua do Cabanas, a Conselheiro Lafaiete.
- O som de um sino dos ventos chamou minha atenção; som das árvores se mexendo, das pessoas andando, dos pintinhos cantando, das crianças conversando, dos motores de carro; som do martelo; havia pessoas construindo ou reformando algo em suas casas; silêncio.
- Fiz uma pausa na casa da minha irmã.
- Em seguida, fui atrás de moradores que são donos do próprio estabelecimento e moram no andar de cima ou na casa ao lado.
- Fui entrando nas lojas perguntando, mas não consegui encontrar ninguém (as pessoas eram apenas funcionárias).
- Voltei na loja de Dica, pois sabia que ela se encaixava nesse perfil, mas ela não estava.
- Encontrei Thamira e Pedro (integrantes do Mica e do NBN) indo para uma oficina na Escola de E.M Cabanas. Ficamos conversando sobre o projeto por alguns minutos.
- Continuei descendo em direção à loja de Simério (um dos moradores que conheci na minha primeira caminhada), pois lembrei-me que ele possui uma loja no mesmo terreno que sua casa e também um quintal, onde situava-se a “Fazenda do Barão”.
- Entrei no mesmo supermercado onde conversei com Jean dois dias antes e comprei duas maçãs por R\$1,22. Estava com fome e não tinha almoçado.
- Uma mulher, que estava esperando sua amiga, me abordou perguntando se poderia usar meu celular para fazer uma ligação. Terminada a chamada, ela agradeceu e me convidou para ir à casa dela. “Deus lhe pague moça. Depois cê vem cá casa”. Mesmo sabendo da possibilidade de não a encontrar novamente, respondi: “Por nada. Pode deixar que, quando voltar, eu vou sim!”

- 14h30. Comecei a conversar com Simério. Enquanto conversávamos, ele me mostrou sua loja e seu quintal; me contou sobre como era a Fazenda do Barão antes de ser demolida, e que tem planos futuros para construir uma casa no mesmo lugar; também me mostrou fotos antigas. Pedi emprestadas para scanear, mas ele ficou um pouco receoso e disse que iria conversar com sua mulher.
- Senti uma certa dificuldade ao fazer os registros: tive dificuldade em andar pelo quintal, prestar atenção no que Simério dizia, gravar sua fala e fazer as fotos e vídeos sozinha.
- Depois que conversamos, fui embora com várias picadas de mosquito e com a roupa suja. Estava muito cansada. Talvez mais cansada que das outras vezes.
- Percebi, neste dia, que este trabalho estava exigindo muito de mim. No decorrer dos dias, era comum que ficasse exausta, pois, além das caminhadas, quando chego em casa, tenho o trabalho de descarregar todo material coletado, fazer os registros por escrito e as transcrições das entrevistas, que variam de quatro minutos a uma hora.
- O barulho de ônibus descendo chama minha atenção.
- Percebi que as diferenças nas construções do Cabanas falam muito sobre a situação financeira e costumes dos moradores; há casas que ainda estão na primeira fase (puxadinho), outras já possuem um estabelecimento e mais três andares acima; algumas com automóveis na garagem, outras sem pintura; as cores variam entre verde, rosa, amarelo, azul, roxo; cores mais discretas, outras mais abertas e chamativas; há casas que, em vez de tinta, possuem azulejos na fachada; janelas coloniais (mais caras), janelas de alumínio (mais baratas), umas com apenas um pavimento, outras com dois, três apartamentos; casas com quintais, com estabelecimentos embaixo ou anexados ao lado, telhas coloniais (mais caras), telhas de amianto (mais baratas); casas decoradas com flores e plantas, toalha pendurada na janela; saco de lixo pendurado no portão.

### **16/05/2018 – Observações**

- A metodologia do trabalho se deu através das entrevistas primárias com alguns moradores do bairro.
- Também fiz pesquisas na intenção de obter acervos fotográficos do bairro nos primeiros anos (grupo “Fundo do Baú”, no Facebook); para continuar tendo acesso a esse acervo, durante minhas caminhadas, perguntava aos moradores se eles possuíam fotografias antigas do Cabanas.
- Depois da quarta caminhada, comecei a fazer a seleção dos materiais que havia obtido (separado por temas: quintais/roças, comércio, moradores e suas histórias, casas e construções).
- Percebo que preciso caminhar em mais algumas ruas adjacentes e refazer algumas fotografias.
- Possibilidade de um novo tema: cotidianidades; em que estariam registros do dia-a-dia do bairro.
- Nas duas primeiras vezes, optei por caminhar pelo bairro sem estabelecer um roteiro específico (perder-se para achar); eu caminhava e registrava tudo aquilo que chamava a minha atenção. Foi com esse material captado que consegui visualizar os temas a serem abordados neste trabalho; da terceira vez em diante, as caminhadas foram pré-definidas de acordo com esses temas (quintais/roças, comércio, casas e construções, moradores e suas histórias), mas continuaram acontecendo de forma imprevisível.

### **31/10/2018 - Retorno**

- Na manhã de quarta-feira, finalizei questões pendentes.
- Entrevistei o morador Eduardo Vargas (vídeo).
- Ele contou a história do bairro, como era na época das primeiras habitações e como se deu o desenvolvimento do Cabanas.
- Logo depois, fui atrás de outra fonte indicada por Eduardo, Dona Odir, também uma das primeiras moradoras do bairro. Marcamos nossa conversa para o dia seguinte.
- Fiz alguns vídeos e fotografias do cotidiano do bairro (na rua Diamantina e algumas adjacentes).



- Enquanto subia a Diamantina, o cheiro de comida do restaurante “Rango” chamou minha atenção.
- Encontrei com alguns participantes do NBN. Foi bom revê-los.
- O trabalho de campo teve duração de duas horas e meia.

### **01/11/2018**

- Durante o trajeto, fiz algumas filmagens dentro do ônibus.
- Fui até a casa da segunda moradora do bairro, Dona Odir, para entrevistá-la.
- Logo depois, adentrei na rua Realeza e captei áudio das crianças brincando na escola Monsenhor José Cotta.
- Fui até as cabaninhas tentar contato com Milton, mas ele e a família não estavam em casa.
- Caminhei até a loja de Simério para obter informações sobre Milton e ele falou para eu ir até as “construções das moradias”, pois Milton estava trabalhando lá.
- Por engano, subi a rua Diamantina e depois tive que descer novamente.
- Ao passar pela rua da Policlínica, vi Júnia vendendo verduras na esquina.
- O sol estava muito quente. Senti muito calor e, por causa da indisposição, não consegui caminhar até as construções. Sentei para descansar.
- Dessa vez, voltei para casa a pé.
- Parei no trevo em frente ao Posto Raul para fazer filmagens da entrada do bairro e da placa que indica a direção do Cabanas, localizada na saída do bairro Chácara.
- O trabalho de campo teve, mais ou menos, duas horas.

### **21/11/2018**

- Fui até a casa de Dona Odir para entrevistar ela e seu marido.
- A entrevista teve duração de mais ou menos 30 minutos.
- Descobri que minha família, por parte de pai, era amiga da família deles.
- Terminada a entrevista, caminhei por algumas ruas e fiz filmagens do cotidiano do bairro.
- Chovia.
- Tive que ficar segurando a sombrinha em uma mão e o celular na outra.

- Desci a rua Diamantina e parei no “Posto Raul” para pegar o ônibus e voltar para o centro da cidade.

#### **04/12/2018 - Última Caminhada**

- Fui entrevistar Milton (morador das cabaninhas).
- Ele me contou sobre como é morar em uma roça dentro do Cabanas.
- Entrei na rua da Policlínica e subi um morro em direção aos prédios que estão sendo construídos pela prefeitura; Milton trabalha lá como vigia.
- No meio do caminho, encontrei com ele e fomos juntos até sua casa.
- Fizemos um trajeto diferente: dessa vez não desci pela Diamantina, mas passei por uma estrada de terra que é atalho para as cabaninhas.
- Conversamos no terreiro. Chovia um pouco.
- Fiz fotos dele com os cavalos.
- Despedi-me e, ao passar pelo portão marrom, que estava úmido por causa da chuva, lembrei que as “Cabaninhas” deram início à história do bairro e à do meu trabalho, pois foi o primeiro lugar que entrei na minha primeira caminhada; também foi onde realizei minha última entrevista.
- Enquanto descia a rua Diamantina, em direção ao Posto Raul, para pegar o ônibus, encontrei com Daniela, mãe da minha irmã, esperando-a sair da escola. (a mesma escola onde cursei o ensino fundamental).
- “Oi. Tô aqui esperando sua irmã sair. Cê não quer ir lá chamar ela não? Ela sempre faz hora lá dentro”.
- Quando cruzei o portão verde, um misto de lembranças veio à minha mente: ver aqueles adolescentes com uniforme azul, jogando bola na quadra enquanto a van não chegava, o lugar onde costumava, junto com minhas amigas, fazer o “Clube das Luluzinhas”; os prédios verdes, a cantina que costumava vender meu pirulito favorito por cinquenta centavos, o pé de jabuticaba e amora eram nossa diversão na hora do intervalo. Costumávamos subir neles para pegar as frutas; um menino brincando de pique e pega passou correndo na minha frente e fechou o portão para que, assim, o amigo não pudesse pegá-lo. Nessa hora, sorri e pensei “meu Deus, eu fazia a mesma coisa!”
- Depois de alguns minutos andando pela escola, encontrei minha irmã dentro de uma sala de aula. Quando me viu, sua reação foi de surpresa. “MARI!”. Nos abraçamos e

fomos caminhando juntas até o Posto Raul. Conversa vai, conversa vem... nos despedimos. Meu ônibus havia chegado.

- Na volta para casa, fiquei pensando em tudo o que tinha acabado de acontecer. Concluí que minhas caminhadas terminaram da melhor maneira possível. E esses afetos só foram possíveis porque escolhi o Cabanas para ser o lugar de realização do meu trabalho.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste projeto afirmou, sobretudo, a jornalista que habita em mim. Pude experienciar a arte de fazer jornalismo através de uma metodologia que me permitiu a entrega ao acaso e ao imprevisível. Durante as idas a campo, caminhei, tracei percursos e conheci as narrativas sobre o lugar que faz parte de um fragmento da minha história.

O jornalismo é um campo aberto que está em constante transformação e é preciso transformar-se junto dele; romper barreiras e encarar as novas possibilidades que ele nos oferece; e aprender a olhar minuciosamente para os acontecimentos à nossa volta e enxergar aquilo que, corriqueiramente, não seria notado. Deixar ser afetado pela vida que passa diante dos nossos olhos. Ouvir histórias. Contar histórias.

É válido mencionar que foi uma tarefa árdua. As horas em que caminhei debaixo do sol e senti o suor escorrendo pelo meu corpo, os pés molhados pela chuva, o cansaço e a exaustão no fim do dia. Chegar em casa e, diante do material captado, perceber que o trabalho do jornalista não se esgota depois das horas de apuração. Faz-se necessário a lapidação das histórias. Essas são algumas consequências dessa profissão, que é uma forma de conhecer a vida, conhecer o outro.

Ressalto, aqui, a importância do jornalismo que busca dar visibilidade para as narrativas que estão fora do eixo da mídia hegemônica. É importante dizer que a periferia merece protagonismo para além de um lugar marginalizado. Esses lugares possuem um universo de histórias que merecem ser contadas.

Compreendo que o processo de apuração não se dá de forma linear e é preciso enfrentar os obstáculos presentes na prática jornalística. Durante as idas a campo, me vi obrigada a limitar meu trabalho pelo fato de habitar um corpo feminino e por viver em uma sociedade patriarcal que fere a minha existência. Porém, sigo acreditando na potência daquilo que escolhi fazer, lutando pelo meu espaço através dessa profissão que tanto me encanta.

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia. *Jornalismo e dispositivos móveis: percepções, usos e tendências*. In: \_\_\_\_\_, Suzana; MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo e tecnologias móveis*. Covilhã: Livros LabCom, 2013, p. 51-75.

BERGAMO, Alexandre; LIMA, Samuel. *Quem é o jornalista brasileiro?* Perfil da profissão no país. PPGSP/UFSC: 2012. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 03 de novembro de 2018.

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Editora G. Gili. 2017.

\_\_\_\_\_, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. 1.ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

ESCÓSSIA, Liliana de; KASTRUP Virgínia; PASSOS, Eduardo. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-150.

FREITAS, José Carlos de. O cidadão empobrecido: sua representação sobre o poder político. In: *Revista Querubim*, v.1, n. 1, Rio de Janeiro: 2005.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. *Jornalismo hiperlocal e dispositivos móveis*. In: JERÓNIMO, Pedro. *Media e jornalismo de proximidade na era digital*. Covilhã: Livros LabCom, 2017, p. 217-233.

PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. São Paulo: Editora G. Gili, 2016.

RODRIGUES, Andreia Lilian Lima; *et al.* Contribuições da extensão universitária na sociedade. In: *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais*, v. 1, n. 16. Aracaju:

2013, p. 141-148.

SALAVERRÍA, Ramón. *Multimedialidade: informar para cinco sentidos*. In: CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014, p. 25-53.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos. *Jornalismo Feminino: subjetividades e atuação profissional*. São Bernardo do Campo, v. 38, n. 3, p. 35-58. set./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/6932/5460>>. Acesso em: 03 de novembro de 2018.

Certifico que a aluna Mariana Reis Pinto Leão, autora do trabalho de conclusão de curso intitulado "Caminhar pelo Cabanas: uma cartografia sobre o cotidiano do bairro", efetuou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

A handwritten signature in black ink, reading "Flávio Pinto Valle". The signature is written in a cursive style with large, flowing letters.

Flávio Pinto Valle - Orientador

Ouro Preto, 9 de julho de 2019.